

O QUE ATRAÍA PARA O ROTARY

NELSON GREFF—FEV 2024

Esta edição encerra a pequena série de matérias sobre Paul Harris e o Rotary, cujo intento foi de instigar os leitores a procurar entender a índole do fundador e o seu amor pela instituição que idealizou. Muitos de nós tivemos sonhos na infância, num universo quase nunca alcançava mais que algumas quadras dos nossos lares e as informações que dispúnhamos sobre um mundo além daquele em que vivíamos, provinha de nossos pais, afortunadamente de algum jornal ou de alguma revista comprada na banca. Não tínhamos a televisão, nem computadores; os raros telefones que existiam eram de fio e serviam para a comunicação exclusivamente; muito diferentes dos celulares que viriam décadas adiante, capazes de fazer uma ligação de viva voz com imagem ou permitir o acesso a uma rede de computadores e incontáveis serviços, verdadeiros computadores na palma da mão.

Os recursos de comunicação que Paul Harris dispunha para estender o movimento eram limitados e a divulgação se dava pelos associados, que levavam a ideia aos amigos, parentes ou clientes. A possibilidade de se encontrarem nas reuniões, fazerem novos amigos e compartilharem suas ideias gerava um clima de companheirismo, de certa forma uma abstração da realidade individual. Como relata Paul:

“O bem que o Rotary me trouxe não pode ser descrito. Ter amigos disseminados pelo mundo é uma benção inefável. E mais ainda, ter consciência de que esses meus amigos são todos amigos entre si, que grandiosa doação divina! A saudação cordial que ilumina a minha alma e me leva, pelas asas da saudade à minha meninice: “Bom dia, Paul!” E essa, eu a recebo, qual uma música maravilhosa, de todos os meus companheiros, por onde quer que eu vá.

Para o pequeno grupo, oriundo de peque-

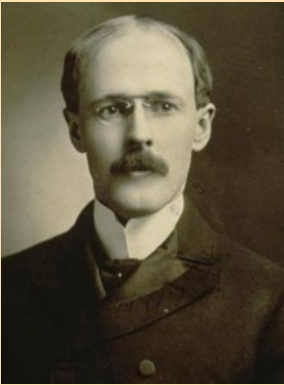
nas comunidades, o Rotary foi um como que oásis no deserto do sentimento, que era, Chicago. Suas reuniões eram diferentes das de outros clubes, naqueles dias. Eram mais íntimas, mas calorosas, muito mais amigáveis. Deixávamos, à porta de entrada, as nossas preocupações e idiosincrasias e, durante a reunião, voltávamos a ser as criaturas que fôramos em nossas origens. Eu esperava a hora da reunião com enorme impaciência!”

Os associados eram admitidos segundo a sua profissão ou ramo de negócio, recebendo uma representação no quadro social; sentiam-se honrados com isso. Esse fundamento foi e é importante para o equilíbrio do quadro social, oferecendo relações sociais atraentes e possibilitando o intercâmbio profissional.

“É propósito do Rotary não levar em conta a religião, a posição social, o pensamento político ou a raça dos seus associados. É isto, sim, seu propósito, aglutinar homens de negócio e profissionais a fim de que possam corresponder-se, aumentar entre eles a boa vontade e tolerância e favorecer o estabelecimento de laços de amizade e disposição para a solidariedade.”

O que eu tenho visto, nestes anos de Rotary, é exatamente o reflexo do pensamento de Paul Harris sobre o que levou o Rotary à expansão mundial que hoje ostenta. Que oportunidade teríamos de conhecer tantos e tantos profissionais de diferentes vertentes? Nosso trabalho, via de regra, absorve as nossas energias, o nosso conhecimento, a nossa disposição e limita de certa forma os nossos contatos ao círculo das nossas profissões ou negócios. A associação a um clube proporciona oportunidades de contato com as mais diversas profissões e negócios, ampliando nosso relacionamento através das suas reuniões e na participação de eventos distritais e reuniões de outros clubes.

OS PIONEIROS DO ROTARY



Paul Percy Harris Nasceu em Racine, Wisconsin, EUA, dia 19 de abril de 1868. Estudou na University of Vermont, em Princeton, e na University of Iowa. Advogado, estabeleceu-se em Chicago no ano de 1896. Teve a ideia de fundar um clube, no qual profissionais pudessem compartilhar “cooperação mútua e amizade como cada um de nós conheceu em sua cidade”, diria Paul. Na noite de quinta-feira, 23 de fevereiro de 1905, Paul Harris conseguiu a adesão três amigos para formar um grupo, que recebeu o nome de Rotary Club de Chicago, embrião da primeira organização de clubes de serviços humanitários do mundo.



Silvester Schiele

Era comerciante de carvão e cliente de Paul Harris, em 1905. Nascido em Terre Haute, Indiana, EUA, em 1870, estudou na Terre Haute Business College e serviu ao Exército durante a Guerra Hispano-Americana. Foi presidente da Schiele Coal Company, de 1902 a 1939, ano em que se aposentou. Schiele gostava de contar anedotas interessantes de sua infância de “jovem pioneiro”. Paul Harris compartilhou por primeiro com Schiele sua ideia de fundar uma espécie de clube para reunir pessoas para fins de companheirismo.



Gustavus H. “Gus” Loehr

Nasceu em 18 de outubro de 1864, em Carlinville, EUA. Estabeleceu-se em Chicago, em 1896, como engenheiro de mineração, tendo feito grande número de conhecidos através do seu negócio, entre eles Paul Harris. Emprestou seu escritório no sétimo andar do Edifício Unity, na Rua North Dearborn, nº 127, em Chicago, para o primeiro encontro dos fundadores do Rotary, em 23 de fevereiro de 1905. Na demolição do prédio, o Rotary recolheu os móveis e remontou o ambiente no edifício sede em Evanston.



Hiran E. Shorey

Nasceu no Maine, em agosto de 1862, era alfaiate. Shorey foi rotariano por um curto período, pois retornou logo ao seu estado natal, tendo servido como secretário durante o primeiro ano do clube. Voltou a morar em Chicago e reingressou no clube, também por pouco tempo. Apesar disso, Shorey sempre auxiliou o Rotary Club de Chicago e falava com orgulho do seu período de Rotary, tendo contribuído de alguma forma para a divulgação da instituição.



Harry L. Ruggles

Nascido em Michigan, em 1868, formou-se na Northwestern University, em Evanston. Associou-se ao Rotary Club de Chicago na segunda reunião. Serviu como tesoureiro durante seu primeiro ano de clube, foi presidente em 1908 - 09 e diretor do Rotary em 1912 -13. Atribuiu-se a ele a introdução de canções nas reuniões de clubes, naquela época. Em sua gráfica, a H. L. Ruggles & Co., foi impresso o primeiro exemplar da revista *The National Rotarian* e o primeiro livro de canções do Rotary. Foi também associado honorário de sete outros clubes.

A PAZ MUNDIAL PELO SERVIR

NELSON GREFF—FEV 2024

O Rotary foi uma maravilha da associação entre homens de boa índole e vontade de trabalhar nascida no início do Século XX. Entendo este século como o mais criativo da humanidade no campo da inovação tecnológica e do progresso científico e econômico; de outra forma, colecionou guerras que ameaçaram a existência do homem ou a extinção de povos, como no holocausto judeu; viu doenças se propagando mundialmente e o temor da fome aos povos que não conseguiram empreender um desenvolvimento mínimo, capaz de assegurar-lhes a participação no período desenvolvimentista.

O Rotary empreendeu diversas campanhas para ajudar a humanidade e promover a paz mundial através do Programa de Bolsas pela Paz. Por meio de treinamento acadêmico, aprendizado prático e oportunidades de networking, o programa dos Centros Rotary prepara os bolsistas para atuarem eficazmente na área de paz e desenvolvimento.

Desde o lançamento do programa, em 2002, mais de 1.700 pessoas se formaram nos Centros Rotary. Elas estão trabalhando em cerca de 140 países na área educacional, policial e governamental, ONGs, instituições de pesquisas, agências pró-paz e organizações internacionais, como a ONU e o Banco Mundial.

O Rotary passou por duas guerras mundiais e ainda assim sobreviveu, graças ao trabalho de expansão que não cessou. Os clubes continuaram a se reunir, ainda que sob repressão ou falta de locais seguros para as reuniões. Rotarianos franceses, dinamarqueses, chineses etc., ainda que sob pressão de bombardeios, continuaram a reunir-se para praticarem o companheirismo que os unia, sem temer possíveis punições. Reuniam-se para servir seus países e à Humanidade com objetivo supremo. Muitos sucumbiram em serviço, mas o rotarismo não se intimidou.

Paul observa em “Meu Caminho Para Rotary”:

“... não foi surpresa que o Departamento de Estado dos EUA tenha convidado o R. I. para comparecer, com representantes conselheiros, à Conferência das Nações Unidas em São Francisco, em maio de 1945. Onze rotarianos serviram, cada qual com as suas capacidades específicas.

Rotarianos participaram ativamente também como conselheiros por outras delegações. A experiência no trabalho de promoção da paz e solução de conflitos conferiram credibilidade às suas propostas e observações.

Edward Stetinius Jor, então secretário de Estado dos EUA, escreveu:

“O convite ao Rotary International para participar da Conferência das Nações Unidas, como conselheiro da delegação dos EUA, não foi um mero gesto de acatamento e dignificação à grande organização. Foi, isto sim, o reconhecimento da participação eficiente que os membros do Rotary ofereceram e continuaram a oferecer para o desenvolvimento da compreensão entre as Nações. A representação do Rotary foi necessária em São Francisco. Como é sabido, ela deu contribuição na elaboração da carta e, particularmente, no conteúdo das provisões do Conselho Econômico e Social”.

Paul assinala com precisão a índole Rotary nos momentos cruciais, que ratifica sua vocação pacifista de servir:

“O propósito maior do Rotary é servir. Jamais houve oportunidade mais própria para o serviço do que aquela época. (1ª Guerra Mundial) O Rotary provou ser um dos maiores colaboradores de Tio Sam. Nasceu no nosso país de liberdade. Jamais poderia originar-se em meio ao despotismo. Alguns sócios mais agitados quiseram suspender as nossas reuniões normais, porém venceram os mais moderados. E as reuniões de Rotary exerceram um papel de grande influência na manutenção da tranquilidade e elevação moral.”

A cena que Paul descreve ao final do Meu Caminho Para Rotary é de uma beleza peculiar e retrata, com leveza a presença de Jean em sua vida. Ela foi sua companheira inseparável nas viagens pelo mundo, cuja presença, de certa forma, mostrava quão importantes eram as mulheres na vida dos seus maridos rotarianos. Teria a presença de Jean influenciado na abertura às mulheres em 1959?

A família era o núcleo da vida social da época, primeira na tríade dos rotarianos: família, trabalho, Rotary, e Paul escolheu um final de dia acompanhado da sua esposa, mergulhando nas suas reminiscências, como um artista que escolhe sua mais querida obra para expor, para o capítulo final, certo de que essa obra continuaria a ser apreciada.

O FIM DA JORNADA

Paul Percy Harris

Eis que estamos no fim de nossa empreitada. Jean e eu estamos sentados à nossa lareira, tomando chá. Quem desposa uma moça escocesa tem que adquirir o hábito de sentar-se ao pé da lareira e tomar chá preto e, na verdade, é um final de dia delicioso. Se o chá é bom e o fogo aquece, a gente se alegra e descansa. É um bom jeito de encerrar o dia.

O bule de chá, à direita, da minha esposa, conserva-se quente por muito tempo e, para ela, é indizível o prazer servi-lo. A muitos amigos ela serviu. Amigos ingleses e de outras nacionalidades. As faíscas subindo pela chaminé, acionadas pelo sopro enérgico do fole que Jean não admite que outros acionem, como também, ao começar o fogo, as brasas estalando de mansinho! . . .

Rainha do lar e fada do chá, a minha esposa! Chego, às vezes, a pensar que ela excedia à minha avó na devoção que oferece aos seus cuidados com a casa. Considero-me um afortunado e tenho consciência de sê-lo. Esta é a hora e aqui é o lugar certo para devaneios, embora minha mulher ache que os meus devaneios são prelúdios de cochilos e, até, de sono.

Grande número de amigos de variadas nacionalidades nos tem deliciado com as suas visitas. Vêm como consequência da minha sementeira em 1905: o primeiro Rotary Club. Ela transformou-se numa frondosa árvore, em cuja sombra é uma delícia viver.

À noite, costumo lembrar meus avós, o menino que eu fui e o ambiente em que vivi. Ouço a música doce das monta-

nhas, o som ritmado dos machados dos lenhadores; o ruminar pachorrento do gado no pasto, o cacarejar das galinhas, anunciando a sua obra; a ruidosa glória da proclamação do dia pelo galo altivo, o chilreio da passarinhada, o arrulhar melancólico das pombas, lamentando os amores frustrados e, ao longe, no fundo do vale, o pio saudoso da cotovia, chamando o companheiro, enquanto, ao longo dos trilhos, na baixada, a locomotiva soluçã, ridiculamente pomposa, tal uma enorme rã inchada, a sua poesia de primavera.

No verão os gafanhotos e milhares de outros insetos, zumbem numa algaravia ensurdecidora.

No começo do outono, os grilos e os gafanhotos verdes atravessam a noite, anunciando que as folhas do bordo estão mudando de cor, que o cenário logo será outro e que, enquanto a casa estiver dormindo, a místico inverno instalar-se-á silenciosamente no vale e estenderá, lá fora, nos telhados, o lençol branco dos seus cristais de neve, até que, novamente, venha a primavera operar a ressurreição da Natureza.

Ninguém imagina por quanto tempo estas recordações continuariam a fluir, se não se elevasse uma voz, doce e carinhosa, a interrompê-las, chamando: "Paul, se estiver dormindo, acorde! Tome mais uma xícara de chá. O fogo está apagando, vamos deitar-nos!" Assim flui a vida em Comely Bank.

Deus dá-me o privilégio de esquecer as fraquezas da humanidade e de fortalecer a minha visão das suas belezas e das suas virtudes!